

As vicissitudes da repetição

Breno Ferreira Pena

Resumo

O objetivo deste trabalho é explorar o conceito de repetição em psicanálise. Para tanto, o autor faz uma investigação do tema em Freud e Lacan procurando obter uma visão mais abrangente deste conceito que é fundamental para a teoria e, principalmente, para prática clínica.

Palavras-Chave

Pulsão – Transferência – Repetição – Resistência

Para abordar o conceito de repetição, primeiro farei um contraponto de Freud com ele mesmo, através de dois momentos distintos de seu ensino. Depois analisarei esse conceito em Lacan, tendo a preocupação de aprofundar o conhecimento teórico sobre este tema, sempre atual, na clínica psicanalítica.

A compulsão à repetição é trabalhada por Freud no texto “Repetir, Recordar e Elaborar” de maneira singular. Lacan, inclusive, aponta este texto como o primeiro momento na obra freudiana a destacar, de forma articulada, a presença no psiquismo de uma compulsão à repetição. Nesse momento, Freud circunscreve a transferência no campo da repetição de forma incisiva: “Logo percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição...” (FREUD, v.XII:166). Ele afirma que enquanto o paciente se encontra em tratamento, não pode deixar de ter esta compulsão à repetição, que é uma maneira de recordar sem que a pessoa se dê conta do que está ocorrendo, ou

seja, quando o paciente repete, ele atua sem saber que está repetindo. Trabalhando na perspectiva da primeira tópica, Freud acredita que para lidar com a repetição e superar a resistência é preciso tornar consciente o que está inconsciente. Depois trabalha este material com o paciente para que ele possa elaborá-lo, tudo isto através do manejo da transferência. Para Freud, nessa época, a repetição está identificada à resistência, que está relacionada com as lacunas de memória. Portanto, espera-se que o trabalho analítico supere as resistências com o preenchimento das lacunas de memória através das interpretações do material inconsciente.

A compulsão à repetição é um impulso à ação que substitui o recordar; sendo assim, quanto maior a atuação, maior a resistência e menor a recordação. Logo, a repetição é definida como algo que faz oposição ao saber, sendo ela da ordem da ação.

Nesta perspectiva, cabe ao analista, utilizando-se da transferência e da posi-

ção que esta lhe confere, isolar a repetição na transferência e possibilitar que o paciente possa passar de uma neurose comum a uma neurose de transferência, que abrirá campo para a intervenção por parte do analista:

“A transferência cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada. A nova condição assumiu todas as características da doença, mas representa uma doença artificial, que é, em todos os pontos, acessível à nossa intervenção” (FREUD, v. XII:170).

Assim, podemos concluir que para Freud, em 1914, os conceitos de repetição e transferência são indissociáveis e quem resiste à recordação é o material recalçado que não pode chegar à consciência.

No entanto, ao escrever o texto “Além do Princípio de Prazer”, que possibilita o surgimento do conceito de pulsão de morte, Freud dá uma virada, ou melhor dizendo, faz uma torção em seu ensino com repercussões teóricas que são fundamentais para a psicanálise. Nesse momento a repetição vai ocupar um outro lugar, ou seja, vai aparecer através da força pulsional, sendo uma com (pulsão) à repetição.

Para Freud, como vimos anteriormente, até 1920 a repetição era algo que estava ligado ao campo transferencial como resistência, mas agora, com a referida torção, este marco teórico já não se sustenta, fazendo com que ele faça um rearranjo em sua teoria em vários pontos. A presença da repetição ultrapassa os limites do tratamento analítico, pois ela está presente na vida de todas as pessoas e revela um caráter pulsional, portanto, inerente à condição humana.

Freud inicia este texto de 1920 questionando o princípio de prazer, pois começa a perceber que esse princípio não consegue responder a todos os processos que ocorrem no psiquismo. Até então, ele afirmava que o princípio de prazer era men-

surado de modo quantitativo, ou seja, o binômio prazer/desprazer estava relacionado à quantidade de excitação presente no aparelho psíquico de forma que o desprazer correspondia a um aumento da quantidade de excitação e o prazer a uma diminuição. Porém, Freud começa a perceber um furo nesta teoria, algo que não se encaixa e assim afirma:

“Deve-se, contudo, apontar que, estritamente falando, é incorreto falar na dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo” (FREUD, v.XVIII:19).

Assim, o princípio de prazer, em 1920, deixa de ter o fator quantitativo como referência e começa a adquirir um estatuto qualitativo. Freud percebe que existe algo mais primitivo e que independe do princípio de prazer, pois analisando o sonho traumático e a brincadeira do *fort-da* constata que o ser humano repete insistentemente situações que não causam prazer e sim desprazer, ou seja, o sujeito repete inconscientemente o que lhe causa dor e sofrimento. Nesta nova construção teórica o fator quantitativo passa a balizar este princípio que visa à morte numa volta a um estado inorgânico, onde não há conflitos, denominado princípio de Nirvana. Este princípio tem que ser quantitativo, pois a pulsão de morte é silenciosa e sem representação, sendo pura quantidade. Freud também analisa, neste texto, o princípio de realidade, que é uma modificação do princípio de prazer, através das exigências da realidade. Portanto, o princípio de realidade não abandona a intenção de obtenção de prazer, mas aceita o adiamento da satisfação como algo necessário. Sendo assim, ele tolera o desprazer como uma etapa na obtenção do prazer. Nesta perspectiva, o princípio de Nirvana pertence à pulsão de morte, o princípio

de prazer representa as exigências da libido e o princípio de realidade, as influências do mundo externo.

Freud conclui nesse texto que a repetição anteriormente ligada por ele apenas ao campo transferencial tem sua força propulsora baseada na pulsão. É a pulsão de morte que rege a repetição:

“Se levarmos em consideração observações como estas, baseadas no comportamento, na transferência e nas histórias da vida de homens e mulheres, não só encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer, como também ficaremos agora inclinados a relacionar com essa compulsão os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar” (FREUD, v.XVIII: 33).

O jogo do *fort-da*, descrito por Freud em 1920, é realizado pela criança que atira longe um carretel de madeira, preso por um cordão na borda de sua cama, permitindo que ao fazê-lo desaparecer ela diga *fort*, e ao puxar o cordão para que ele apareça ela diga *da*. Segundo Freud, o primeiro ato do jogo era repetido inúmeras vezes, apesar de o segundo ato ser a fonte do prazer. Então, essa compulsão à repetição se dá para transformar uma situação passiva em ativa, mas também demonstra a presença da pulsão no jogo.

Na visão de Lacan, o jogo *fort-da* marca a entrada da criança na linguagem pela utilização de um primeiro par significante. O par significante implica a lógica da pulsão de morte: a palavra é o assassinato da coisa. Portanto, o que é tratado nessa primeira repetição significativa é a simbolização de uma presença-ausência, sua articulação à palavra, fazendo com que a relação mãe-criança passe a ser mediada pelo uso da linguagem. Assim, não é o retorno da mãe que está em jogo, mas a repetição de sua saída como causa da divisão do sujeito. O que o jogo visa, segundo Lacan, é o que não está lá enquanto re-

presentado, pois o jogo é essencialmente o *repräsentanz* da *Vorstellung*.

Entretanto, retornando a Freud em 1920, ele traz à tona algo inovador para a teoria psicanalítica – a pulsão de morte. Através desta, esclarece que o essencial do material recalçado não encontra outra saída senão a repetição. Nesta nova perspectiva, ele pode demonstrar que a repetição não está ligada à resistência, sendo ela apenas o funcionamento normal da pulsão de morte, como demonstra o jogo infantil do *fort-da*. Portanto, o material inconsciente não resiste, pelo contrário, ele insiste para que o recalçado apareça, estando então a resistência ligada ao eu, que não quer saber do recalçado. É bom ressaltar que nesse momento, Freud já baliza sua teoria pela segunda tópica, numa perspectiva tanto topológica quanto dinâmica. O fato de a resistência estar localizada no eu não quer dizer que ela seja consciente; a resistência é inconsciente, porém não corresponde ao material recalçado, é uma parte inconsciente do eu. O eu é regido pelo princípio de prazer e não quer saber sobre a insistência do recalçado, que lhe gera desprazer, optando pela formação do sintoma como uma formação substituta do sexual recalçado.

Lacan, no *Seminário 11*, retoma a questão da repetição em Freud e logo de início esclarece que a repetição e a transferência são conceitos distintos e devem ser definidos separadamente. Lembra também que não se pode confundir repetição com reprodução. Reproduzir seria algo do campo da hipnose, que revive a cena traumática da mesma maneira. A repetição tem sempre algo de inassimilável que se repete, mas nunca da mesma maneira; “a repetição demanda o novo” (Lacan, 1998:62). Lacan trabalha a repetição, neste seminário, elucidando sobre a função da causa. Para isso utiliza-se da noção de causa accidental, concebida por Aristóteles que divide esta causa em duas formas denominadas *tiquê* e *autômaton*.

Então, vai-se promover uma clivagem na repetição a partir da diferenciação do termo *autômaton*, que Lacan irá denominar de “insistência da cadeia significante”, e do termo *tiquê*, que será denominado de “encontro com o real”. Ele entende o *autômaton* como a rede de significantes e, portanto, o situa no registro do simbólico, ou seja, a repetição passível de interpretação para se obter um saber sobre o sujeito. Já a *tiquê* é a repetição no registro do real, portanto é uma repetição que vai além da insistência da cadeia significante, e que vai ser definida como um encontro faltoso:

“A função da *tiquê*, do real como encontro – o encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso – se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção – a do traumatismo” (LACAN, 1998: 57).

Portanto, a *tiquê* é um encontro com o real, com o inassimilável. Ela está ligada ao funcionamento da pulsão de morte, que não tem representação, mas comporta a verdade do sujeito além do princípio de prazer. Mas é importante ressaltar que a *tiquê* surge promovendo, no discurso do sujeito, o aparecimento de novas significações, através do retorno da cadeia significante produzida pelo *autômaton*.

É como lembra Grossi ao comentar o caso Emma, analisado por Freud no “Projeto”:

“Aos oito anos, Emma é tocada por sobre a roupa, aos doze anos, ela é tocada no significante que passa a representar o trauma. A *tiquê*, o mau encontro, produz-se aqui por efeito do retorno de um significante (*autômaton*), que faz surgir uma nova significação, inassimilável, que se refere ao desejo” (GROSSI, 2002:124).

A pulsão impõe a repetição. Portanto, a compulsão à repetição é produto da pulsão de morte que fixa o sujeito em seus pontos de gozo. É importante ressaltar que

esse conceito requer o aprofundamento da questão pulsional, para que tenhamos uma melhor compreensão da repetição, que se dá de uma maneira singular, em cada analisante. Sendo assim, este conceito é algo essencial para a psicanálise, ou seja, é um conceito fundamental que vem sendo trabalhado ao longo da história por diversos autores. No entanto, ainda hoje a repetição se mostra bastante intrigante e atual em nossa prática clínica, sendo necessário estarmos atentos as suas especificidades para que possamos ouvir suas vicissitudes em cada sujeito que está em análise. φ

THE VICISSITUDES REPETITION

Abstract

The objective of this text is to explore the concept of repetition in psychoanalysis. To further better comprehension of this concept, the author investigates the matter in both Freud's and Lacan's works, looking for a wider vision of this concept that is fundamental theoretically and even more so in clinical practice.

Keywords

Instinct – Transference – Repetition – Resistance

Bibliografia

FERREIRA, Tânia. *A escrita da clínica: psicanálise com crianças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XII, p.161-171.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVIII, p.13-75.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MILLER, Jacques-Alain. *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SANTOS, Lúcia Grossi. *O conceito de repetição em Freud*. Belo Horizonte: Escuta, 2002.

RECEBIDO EM 15/06/2007

APROVADO EM 27/06/2007

SOBRE O AUTOR

Breno Ferreira Pena

Psicólogo. Participante do Fórum de Psicanálise do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG.

Endereço para correspondência:

Rua Ceará, 1709/1003 - Funcionários
30150-311 - BELO HORIZONTE - MG
Tel.: (31)3221-4045
E-mail: brenopena@hotmail.com

